

O papel das “cenas” no desenvolvimento das bandas. Um estudo de caso de “independentes” e contratados pela gravadora ao longo das suas carreiras¹

Emmanuel Vitor Cleto DUARTE²
Sérgio Amadeu da SILVEIRA³
Universidade Federal do ABC

RESUMO

O objetivo deste trabalho é averiguar de maneira quantitativa o papel das “cenas” (Straw, 1991) no *indie* brasileiro com um foco em dois momentos da carreira dos artistas: primeiramente no início e posteriormente após o reconhecimento nacional dos mesmos. Para isto foi feito o levantamento das apresentações ao vivo de duas bandas, uma independente, a “Carne Doce” e outra contratada pela gravadora Som Livre a “Plutão Já Foi Planeta”, desde o início de suas carreiras até o ano de 2019. Será avaliado num estudo de caso o peso das regiões originárias das bandas no início das suas trajetórias e posteriormente se existe uma migração para as praças de maior representatividade no país, além da importância dos festivais, casas de show e espaços públicos ao longo da existência das duas bandas.

PALAVRAS-CHAVE: música, cenas, independente, produção musical, *indie*

Este trabalho adota uma perspectiva epistemológica de um espaço de constituição de uma "forma emergente" (Williams, 1979) que utiliza elementos novos, porém, não nega algumas características da "forma dominante" que nesse caso é a produção das grandes gravadoras, havendo um espaço para a mescla de estratégias e tendências dos produtos culturais, sem necessidade de substituição de um modelo pelo outro. Esta perspectiva é importante para demarcar uma das categorias abordadas neste trabalho que é o *indie* como gênero musical.

O gênero é considerado para Bannister como um espaço de representação, e representação é um local de poder e luta, assim “como uma fonte de identidade” (BANNISTER, 2006, p. 58) e o *indie rock* se posiciona como “gênero” para determinados atores sociais, que está vinculado a características como minimalismo, amadorismo, a negação de refinamento,

¹ Trabalho apresentado na DT 1 – Jornalismo do XX Congresso de Ciências da Comunicação em Belém-PA, realizado de 02 a 07 de Setembro de 2019.

² Doutorando em Ciências Sociais e Humanas da Universidade Federal do ABC, email:emmanuelduarte@hotmail.com.

³ Orientador do trabalho. Professor da Universidade Federal do ABC, e-mail:samadeu@gmail.com.

discurso de legitimidade, distinção, autenticidade e localismo. Um rock feito para uma minoria, não para todos, autêntico e não-cooptado. Para Negus (2002), *majors* e gravadoras “independentes” são posições de mercado que carregam consigo questões importantes, como autenticidade e juízo de valor. O autor defende que as pequenas gravadoras são laboratórios de criatividade das *majors*, que vão descobrir novos talentos, “gêneros” e estratégias, sem necessidade de retorno financeiro imediato. Retoma-se aqui a posição de Fabbri (1980) que avalia os “gêneros” como uma construção das comunidades nas quais estão posicionados, inclusive de uma maneira contraditória e Firth (2006), que afirma serem construídos num processo que é ao mesmo tempo comercial e cultural.

Assim, adota-se neste trabalho a perspectiva do *indie* como gênero que agrega características do *mainstream* e do “alternativo”, dialogando com “independentes” e contratados de gravadoras e com a presença de ambos os modelos. Embora pregue um afastamento das paradas de sucesso e grandes *hits*, o *indie* não necessariamente nega esta possibilidade, nem as estratégias do “dominante” (Williams, 1979). O *indie* é ocupado por diferentes artistas tanto “independentes” quanto das *majors* como é o caso das bandas que são o objeto de estudo deste trabalho. Tanto a “Carne Doce” quanto a “Plutão Já Foi Planeta” surgem em suas “cenas” locais (Straw, 1991) enquadradas nesta lógica do *indie*.

Para Janotti Jr. e Pires (2011) a “cena” é composta por cadeias produtivas e circuitos culturais conectados numa lógica de produção circulação e consumo como produtores, bandas, músicos e fãs que estariam ligados às lógicas de produção, circulação e consumo musical. É importante na perspectiva dos autores a avaliação do papel das casas de show, lojas, boates, festivais e outras plataformas interligadas como uma rede desde o processo de produção das músicas e dos artefatos culturais até a distribuição final dos produtos musicais.

Latour (2012) reforça o papel do porta-voz nas “cenas”, que fazem a definição das suas fronteiras, papel exercido por críticos, fãs e pelos próprios músicos. É necessário traçar as fronteiras desses atores e seus vínculos que são formados “qualquer entrevista, narrativa ou comentário, por trivial que pareça, enriquecerá o analista com um conjunto assombroso de entidades para explicar o curso da ação” (LATOURE, 2012, p. 77).

As “cenas”, que para Straw (1991) são espaços culturais mutáveis e fluidos, caracterizados pela construção e diferenciação de alianças e práticas musicais, são também caracterizadas pela regionalidade e características específicas de alguns “gêneros musicais”, e sua importância social e econômica para diversas regiões do país. Nesse sentido, Janotti (2011) reforça o conceito:

As cenas musicais são vivenciadas das identidades que transitam entre afirmações cosmopolitas (conexão com expressões musicais que circulam em lugares distintos do planeta e através da internet) e a forma como as mesmas expressões musicais se afirmam em diferentes espaços urbanos. As identidades culturais ligadas ao mundo da música se confirmam nas negociações efetivadas entre afirmações cosmopolitas (conexão com gêneros musicais consumidos em distintos lugares do planeta e socializados através da internet) e a forma como essas mesmas expressões musicais (mesmo em versões locais ou gêneros regionalizados) se afirmam através de apropriações culturais em diferentes espaços urbanos. Da mesma maneira que a música faz parte do processo de afirmações identitárias individualizadas, ela reflete diretamente sobre o local onde é produzida (ou consumida) gerando implicações sobre o desenvolvimento regional, bem como sobre identidades coletivas. É conhecida a importância do Axé para o desenvolvimento econômico e cultural de Salvador, do Frevo para Olinda, do Tecnobrega para Belém e do Samba para o Rio de Janeiro. Por outro lado, podemos pensar que algumas estratégias relacionadas à música pop (como o mundo das boybands) ou alguns subgêneros da música eletrônica afirmam relações com imaginários urbanos cosmopolitas, que não seriam tão marcados pela construção de tradições regionalizadas. Mas, mesmo as práticas musicais desterritorializadas, quando relacionadas aos seus locais de consumo, seja como música gravada ou ao vivo, acabam negociando de maneira dialógica e tensiva com os tecidos urbanos em que se materializam. Não por acaso, vivemos uma profusão de circulação de músicos covers nos espaços urbanos. O sucesso desse tipo de empreendimento demonstra a força afetiva e comercial da música ao vivo. Parece, que na ausência ou impedimento do contato com o “produto original”, consome-se até o “cover oficial”. (Janotti Jr, 2011:9-10)

As “cenas” neste trabalho levam em consideração o gênero *indie* e a localidade na qual as duas bandas estão inseridas, uma em Goiânia e a outra em Natal. Para a análise da principal fonte de receitas *offline*, os shows, foi feita uma coleta do histórico de apresentações da banda utilizando o *Google* e de maneira manual nas *timelines* do *Facebook* e *Instagram* com as postagens desde 2013 classificadas numa base de Excel.

Desta maneira foi possível avaliar desde o início da carreira de ambas as bandas, o papel das “cenas” (Straw, 1991) formadoras, de outros estados e dos equipamentos públicos ou privados.

Este trabalho avalia duas bandas como objeto de um estudo de caso, e ambas se posicionam dentro do gênero *indie* embora tenham uma diferença fundamental. A primeira banda é a “Carne Doce”, oriunda de Goiânia, sem nenhuma ligação com gravadoras, iniciou suas atividades em 2013. Já em seu primeiro disco a banda recebeu boas críticas, mas foi com o lançamento de “Princesa” em 2016, que a banda recebeu menções em muitas listas dos

melhores do ano de 2016, dessa vez com a segunda posição no site “Miojo Indie”⁴, décimo sexto no site “Tenho Mais Discos que Amigos”⁵, quinto no “Popload”⁶, décima primeira posição para o jornal “O Estado de São Paulo”⁷ e décimo para a revista “Rolling Stones”⁸. Desde então a banda tem um reconhecimento nacional e figura em apresentações ao vivo por todo o país.

A segunda banda é a “Plutão Já Foi Planeta”, que tem seu início em 2014 na cidade de Natal. Após participar do programa *Superstar* da Rede Globo em 2016, a banda assina um contrato com o selo Slap da gravadora Som Livre, e embora esteja conectada com uma das maiores gravadoras do país, se define como *indie*, assim como o selo pelo qual foi contratada. Desta maneira pode-se comparar uma banda “independente” com outra contratada por uma gravadora, que disputam espaço no mesmo gênero. Ambas são lideradas por mulheres como vocalistas, iniciam em período próximo, num primeiro momento focadas em suas próprias “cenas” (Straw, 1991) para posteriormente avançar no cenário nacional.

Uma vez que muitas bandas declaram ter sua maior fatia da arrecadação vinda dos shows, faz-se necessária a avaliação desta atividade e como se dá a competitividade destes artistas analisados neste estudo. Para comparar a produção das duas bandas em shows, de maneira quantitativa foi coletado todos os shows relatados em *sites* diversos, além do que foi publicado nos perfis oficiais do *Facebook* e *Instagram* das bandas, desde o momento em que os mesmos foram iniciados nas duas redes. Desta maneira, é possível entender o papel das “cenas” (Straw, 1991) no desenvolvimento da carreira, o impacto da gravadora no caso da “Plutão Já Foi Planeta”, as estratégias da “Carne Doce” sendo uma banda “independente”, o peso de grandes mercados como São Paulo e Rio de Janeiro nas turnês, a importância dos aparatos públicos e do Sistema S através dos “Sescs”.

A coleta trabalha com a primeira apresentação da “Plutão Já Foi Planeta” publicada em dezembro de 2013, na Virada Cultural de Natal, e a primeira apresentação da “Carne Doce” em junho de 2013 na loja FNAC. A partir daí, as apresentações foram classificadas nas seguintes

⁴ <http://miojoindie.com.br/os-50-melhores-discos-nacionais-de-2016-10-01/>

⁵ <http://www.tenhomaisdiscosqueamigos.com/2016/12/16/50-melhores-discos-nacionais-2016/>

⁶ <http://www.popload.com.br/cena-os-melhores-discos-nacionais-de-2016/>

⁷ <https://cultura.estadao.com.br/galerias/musica/os-12-melhores-discos-nacionais-de-2016,29327>

⁸ <https://rollingstone.uol.com.br/galeria/melhores-discos-2016/>

divisões:

- Cidade, Estado e Região: respectivos locais de realização do show;
- Local: privado - show realizado em casas privadas como bares ou teatros. Espaço Público/Centro Cultural - Show realizado em locais públicos, coletivos ou Centros Culturais. Sesc - shows realizados nas unidades do Sesc;
- Tipo evento: solo - show realizado apenas com a banda. Múltiplos artistas - evento realizado com mais de um artista. Festivais - eventos denominados de festival pela organização do mesmo com diversos artistas e mais de um turno de duração.

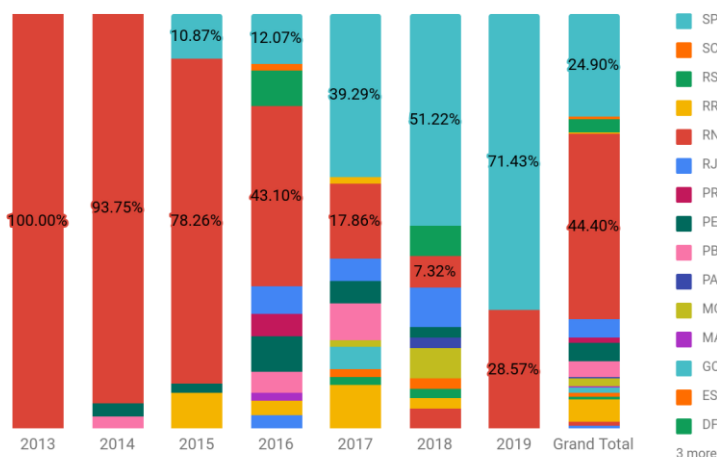
No período de junho de 2013 a abril de 2019, a “Plutão Já Foi Planeta” realizou 241 apresentações ao vivo, contra 228 da “Carne Doce”. Este maior número de shows da banda contratada pela gravadora, não é maior graças ao período no qual a mesma passa a trabalhar com o gerenciamento do selo Slap, no qual os músicos fizeram 97 shows somando os anos de 2017 e 2018. Neste mesmo período, a “Carne Doce” realizou 112 shows, capitalizando sobre o reconhecimento do segundo disco.

É clara a importância das “cenas” locais no desenvolvimento da carreira de ambas as bandas, seja na cidade originária ou na região, e o destaque é ainda maior no caso da “Plutão Já Foi Planeta”, incluindo o período no qual a banda participou do programa *Superstar*.

Nos anos de 2013, 2014 e 2015, a banda realizou um total de 79 apresentações, das quais 67 foram no Estado do Rio Grande do Norte, do qual a banda é originária. Este número representa 85% dos shows realizados pela banda neste período. Mesmo no período no qual a banda consegue sair da Região Nordeste para fazer cinco shows no Estado de São Paulo, o peso de Natal e seu entorno na agenda de apresentações ao vivo fica em 78% no ano de 2015. No início de carreira, a banda se apoiou no “Coletivo DoSol”, e fez diversas apresentações com os

outros artistas do selo DoSol como “Talma & Gadelha” e “Andróide sem Par”.

Gráfico 1 - Representatividade de shows por Estado da “Plutão Já Foi Planeta” em cada ano



Fonte: Desenvolvido pelo autor.

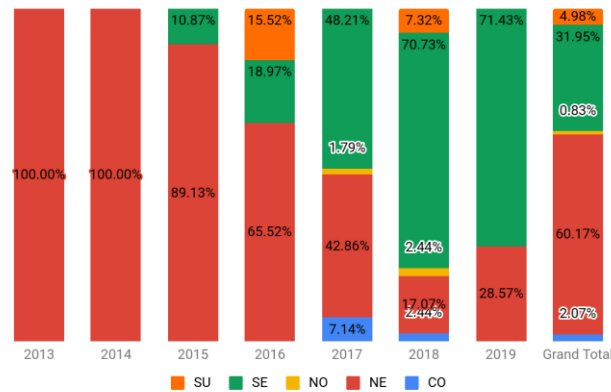
O peso da “cena” do Rio Grande do Norte é alto mesmo quando a banda participa do *reality show* da Rede Globo no ano de 2016, representando 43,10% das apresentações naquele ano. Após o ano de 2017, com a assinatura do contrato com o selo Slap, a frequência de apresentações no Rio Grande do Norte cai, chegando a 17,86% e o destaque passa a ser o Estado de São Paulo, para onde a banda se mudou, com um patamar de 39,29%. Esse percentual dos shows paulistas aumenta mais ainda no ano de 2018, chegando a mais da metade das apresentações da “Plutão Já Foi Planeta”. Em 2019, numa amostra até abril, São Paulo representa 71,43% das apresentações até o período coletado.

Ao avaliar a distribuição dos shows por região, o cenário é também muito parecido com o encontrado na “cena” de Natal, no qual há uma grande concentração de apresentações na Região Nordeste. Até 2014 todos os shows são na região, com Pernambuco e Paraíba figurando entre locais da turnê. Em 2015 graças à turnê do “Coletivo DoSol” em 2015 a banda passa pelo Sudeste.

Em 2016, após a participação no *Superstar*, a banda faz uma turnê pelo Sul do país com 9 shows, com quase a mesma representatividade do Sudeste que teve 11 apresentações no ano. No total do ano o Nordeste representou 66,52%, Sudeste 18,97% e Sul 15,52%. O cenário novamente se inverte em 2017, quando de um total de 56 shows, o Sudeste avança para 48,21%, crescendo ainda mais em 2018, quando a banda faz 41 shows. No período o Sudeste representou

70,73%.

Gráfico 2 - Representatividade de shows por região da “Plutão Já Foi Planeta” em cada ano



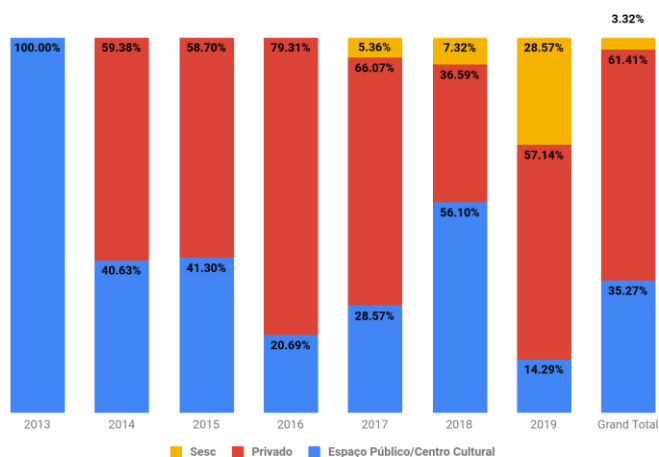
Fonte: Desenvolvido pelo autor.

Uma das características da “cena” natalense e seu entorno é o apoio de pequenas casas de shows com espaço para apresentações ao vivo. Embora a banda faça sua primeira apresentação em Espaço Público num evento da Prefeitura, a Virada Cultural, os bares como “Ateliê”, “Whiskritório”, “Favela Pub” e “Hell’s Pub” são os principais locais para as apresentações da banda até 2015. São 19 apresentações num total de 32 em 2014 e 27 de 46 em 2015. Esse número aumenta em 2016, ano da participação no *reality show*, no qual a banda faz turnê por outros estados como São Paulo e Rio Grande do Sul, passando também por um grande número de bares e casas noturnas como o “Rolê” em Porto Alegre e o “Inferno Club” na capital paulista.

Os locais públicos e centros culturais são importantes na formação da banda, embora representem a menor parte das apresentações dos anos de 2014 até 2017. Nos anos de 2014 e 2015 a Universidade Federal do Rio Grande do Norte e a Universidade Estadual do Rio Grande do Norte abrigam diversas apresentações da banda. Neste período os espaços públicos e Centros Culturais como o “DoSol” representam 40,63% e 41,30% dos shows respectivamente. Em 2016, com a presença no *Superstar*, essa representatividade cai para 20,69%, porém sobe em 2017 já após a assinatura com o selo Slap alcançando 28,57%. Em 2018 está a maior participação dos espaços públicos, com a queda do número de shows no total, ficando em 41 apresentações e deste número os shows em locais públicos chegam a mais da metade com

56,10%, com destaque para um conjunto de 9 apresentações em unidades do CEU⁹ da Prefeitura de São Paulo. As unidades do Sesc só passam a ter relevância em 2017 com 3 shows, 2 no Estado de São Paulo e um no Rio Grande do Norte, número que se repete em 2018.

Gráfico 3 - Representatividade de shows por local da “Plutão Já Foi Planeta” em cada ano



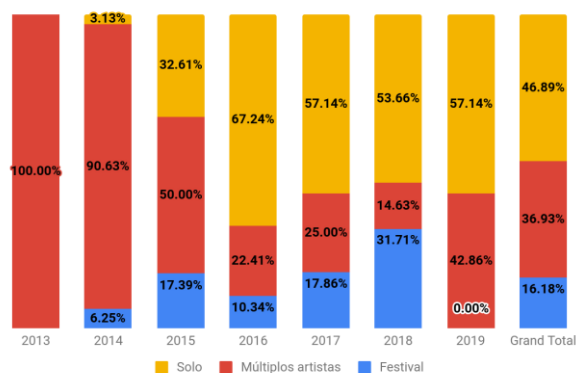
Fonte: Desenvolvido pelo autor.

Dentre os formatos de eventos nos quais a banda participa, o destaque fica por conta dos shows com múltiplos artistas no começo da carreira, resultado das parcerias com outros artistas do selo “DoSol”, como mencionado posteriormente. Em 2014 este tipo de apresentação representou 90,63% das atividades, caindo para 50% em 2015 quando a banda passou a se apresentar sozinha com a consolidação na “cena” natalense. As apresentações como artista solo passaram a representar a maior fatia a partir de 2016 no momento em que a banda fazia a turnê como participante do *Superstar* passando a 67,24% dos shows no ano e posteriormente 57,14%, 53,66% e 57,14% nos anos seguintes os festivais têm um destaque menor, sempre com uma

⁹ <http://www.capital.sp.gov.br/cidadao/educacao/ceus>

participação inferior a 20% no total dos anos, com exceção de 2018.

Gráfico 4 - Representatividade de shows por tipo de evento da “Plutão Já Foi Planeta” em cada ano



Fonte: Desenvolvido pelo autor.

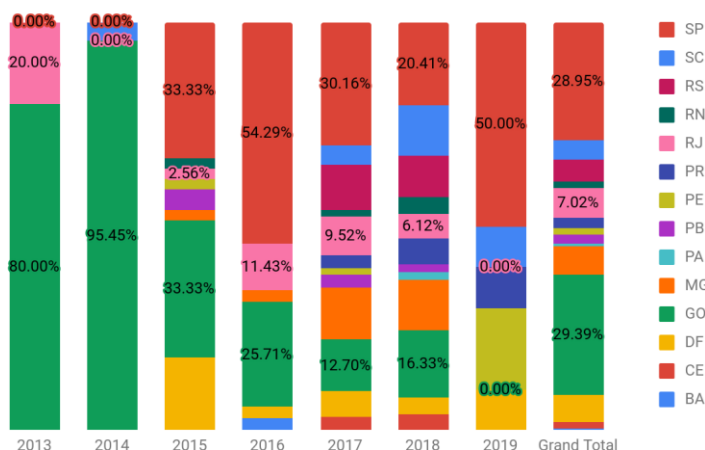
A “Plutão Já Foi Planeta” só chega a uma marca mais expressiva na participação nos festivais em 2018, atingindo 31,71% das apresentações, pois o número total de apresentações da banda foi menor, caindo para 49 naquele ano, enquanto o número de festivais ficou em 13, muito próximo inclusive do principal ano da banda para este tipo de evento, que foi em 2016. Esta presença menor em festivais se dá pelo fato de a banda não fazer o circuito tradicional dos festivais brasileiros. Assim, a “Plutão Já Foi Planeta” acaba não tendo exposição junto aos curadores destes eventos, e acaba participando de maneira tardia e impulsionada pela gravadora que tem seu próprio palco em diversos festivais pelo Brasil.

A “Carne Doce” tem também um apoio forte da cena goiana no início da sua carreira e até 2015 realizou um total de 42 apresentações no Estado de Goiás num total de 71. Este número representa 59,15% dos shows realizados pela banda neste período, menos que a banda avaliada anteriormente no Estado do Rio Grande do Norte, que teve 78%. Esta menor participação na “cena” local se dá pelo fato de que em 2015, após o lançamento do primeiro disco e uma recepção pela crítica, a banda começa a turnê por outros Estados do país impulsionada também por boas apresentações nos festivais que colocam os músicos no circuito nacional.

A representatividade da “cena” goiana cai após o ano de 2015, quando o foco da banda passa a ser os shows no Estado de São Paulo. Em 2016 e 2017, a banda faz 19 apresentações no Estado em cada um dos anos, chegando a ser o mais representativo em 2016 com 54,29% enquanto em 2016 a banda fez 35 shows. O peso de toda a região Centro-Oeste diminui ao

longo do tempo conforme aumenta a presença do Sul e Sudeste. No ano de 2017, quando a banda fez seu maior número de shows (63), a região Sudeste foi a grande responsável com um aumento de 23 em 2016, para 34 no ano seguinte.

Gráfico 5 - Representatividade de shows por Estado da “Carne Doce” em cada ano



Fonte: Desenvolvido pelo autor.

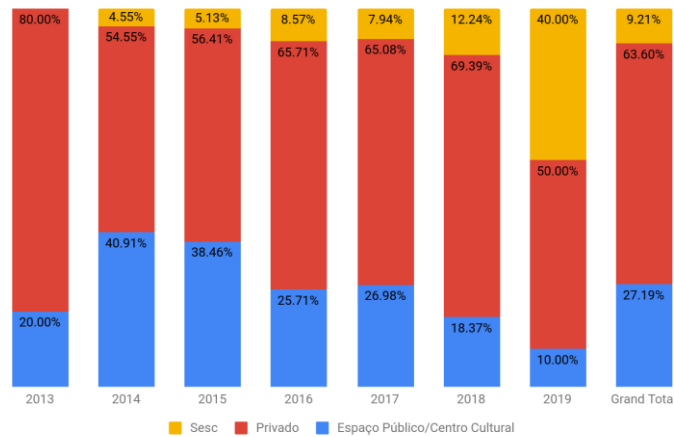
A Região Sul recebe nos três estados diversos shows da banda na turnê do segundo disco, e também após o terceiro álbum. Em 2017 e 2018 são 12 e 14 shows respectivamente passando por Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná, tanto pelas capitais quanto pelo interior. Nos anos de 2017 e 2018 quando a banda faz o maior número de apresentações ao vivo, Sul e Sudeste passam a ser as praças mais importantes para a “Carne Doce”. Nestes dois anos as duas regiões somadas passam a representar 73% e 67,35% respectivamente.

A “cena” goiana e seu entorno também tem o apoio de pequenas casas de shows, e até mesmo grandes cadeias abrem espaço para apresentações ao vivo. Os primeiros anos da banda contam com shows na loja de departamento “Fnac” e na “Livraria Saraiva”, mas os principais espaços da banda até 2016 são as casas “Metrópolis”, “Diablo Pub”, “Bolshoi” e “Ambiente Skate Shop”. O número de apresentações em casas privadas cresce consistentemente quando em 2015 a banda inicia sua primeira turnê pelo Sudeste, passando por lugares como o “Asteroid” em Sorocaba, “Casa do Mancha” e São Paulo e “Audio Rebel” no Rio de Janeiro.

Embora tenha a menor participação nas apresentações ao vivo da “Carne Doce” ao longo dos anos, os espaços públicos foram importantes nos três primeiros anos da banda. Em 2014, representaram quase metade dos locais nos quais a banda se apresentou, somando 9 shows no total, 40,91% das apresentações no ano. Destes, 4 foram no “Centro Cultural Martim Cererê”,

importante ponto para a cena goiana, além de apresentações na Universidade Federal de Goiânia. A representatividade dos espaços públicos cai com o passar dos anos e o aumento dos shows das turnês, chegando a apenas 18,37% em 2018, contra 69,39% das casas privadas.

Gráfico 6 - Representatividade de shows por local da “Carne Doce” em cada ano



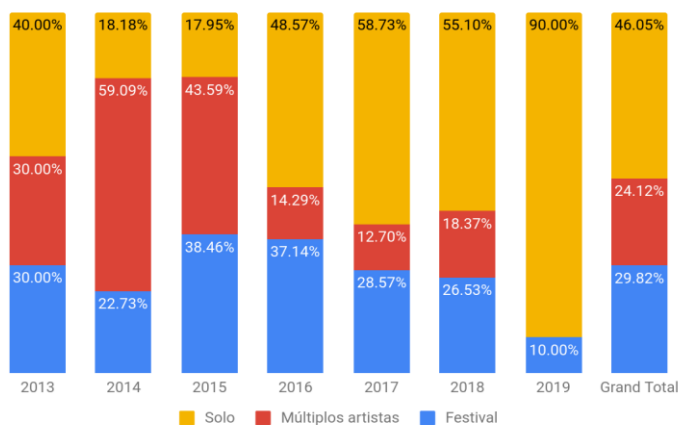
Fonte: Desenvolvido pelo autor

Embora não tenha uma grande representatividade, com exceção do ano de 2019, no qual a amostra é menor, as unidades do Sesc vêm aumentando a importância na agenda de shows da banda alavancados principalmente pelas apresentações no Estado de São Paulo, onde tanto na capital quanto no interior, a banda marca presença.

O começo de carreira da “Carne Doce” é muito parecido com a “Plutão Já Foi Planeta” quando se compara o tipo de evento no qual a banda toca, e é possível identificar que a maioria destes são apresentações em parceria com outros artistas da “cena” local, embora a própria banda afirme que a “cena” atual de Goiânia não trabalhe de maneira coletiva quanto poderia. Neste sentido, ainda que num mercado menos desenvolvido, o coletivo “DoSol” realiza um trabalho bastante consistente. Assim como a “Plutão Já Foi Planeta”, conforme a agenda de shows e o reconhecimento da banda aumenta, cresce a representatividade dos shows solo, passando de apenas 18,18% em 2014 para 58,73%, na contramão, as apresentações com outras

bandas caem de 59,09% para 18,37%.

Gráfico 7 - Representatividade de tipo de evento por local da "Carne Doce" em cada ano



Fonte: Desenvolvido pelo autor.

O destaque da “Carne Doce” principalmente com relação à “Plutão Já Foi Planeta” fica com a participação nos festivais, que se iniciam no primeiro ano da banda, com a passagem pelo festival de novos talentos da “OI”, no Rio de Janeiro. Como visto no terceiro capítulo deste trabalho, a banda é amplificada no cenário nacional pela participação nos principais festivais de Goiânia, passando posteriormente aos demais, sendo assim a frequência se mantém ao longo dos anos. De 2015 até 2017, a banda participa de 46 festivais no total, o número total de participações só cai ao longo dos anos, quando o número de apresentações solo aumenta.

Ao comparar as duas bandas, vemos trajetórias muito parecidas, e na quantidade de shows totais o maior número de apresentações da “Plutão Já Foi Planeta” não é após a assinatura junto ao selo Slap. A Plutão capitaliza com a presença no *reality show* da Globo, e até mantém no ano seguinte já dentro da gravadora, porém ambas as bandas têm uma queda no número de shows em 2018. O maior número de shows num ano no período avaliado é da “Carne Doce”, com 63 shows em 2017, portanto nesse sentido não é possível afirmar que a banda da gravadora tenha vantagem em número de shows. A “Plutão” consegue construir mesmo antes do *Superstar* uma turnê com 46 apresentações no circuito Nordestino e figurar em São Paulo neste mesmo ano, tendo exposição junto à crítica especializada. O caminho natural da banda junto ao “Coletivo DoSol” poderia ser um crescimento orgânico junto ao circuito de festivais, e posteriormente aumentar a agenda de shows. A presença no *mainstream* catalisa a exposição da banda em relação ao público, mas ainda assim não o suficiente para bater a agenda de shows

da “Carne Doce”. A grande diferença em termos de retorno financeiro com as apresentações pode aparecer nos cachês recebidos pelas bandas, na qual a chancela do *mainstream* como o concurso *Superstar* pode trazer maiores pagamentos para a banda, assim como a capacidade de negociação da Som Livre.

A “Carne Doce” mesmo sem o apoio do *mainstream* consegue manter uma agenda consistente de shows, um crescimento orgânico e sustentável através de estratégias “emergentes” (Williams, 1979) já comuns aos artistas “independentes”, embora a grande parceria dos músicos no começo da carreira venha principalmente da banda “Boogarins” e não de um coletivo ou uma rede local como acontece com a “Plutão Já Foi Planeta”. Os próprios músicos declaram que a trajetória da banda é bastante solitária sem grande apoio da “cena” local, apesar de já contarem com uma base consolidada¹⁰. A banda informa que a sustentabilidade vem quase que majoritariamente da agenda de apresentações ao vivo, porém não trabalham com um produtor de shows como faz a “Plutão Já Foi Planeta” desde antes da assinatura com o Slap ou outras bandas “independentes” como já era o caso do “Móveis Coloniais de Acaju”. Neste caso a “Carne Doce” se aproxima muito mais de um modelo anterior, ainda muito vinculado ao *Do it Yourself*, e muito menos *Do it Together* (Herschmann, 2010). Este isolamento da banda e a não participação ativa na manutenção de uma rede “independente”, que vem sendo desarticulada com o passar dos anos, pode tornar o cenário mais complicado para os músicos desvinculados a uma gravadora.

¹⁰ <https://youtu.be/q3MH00MygAI>

REFERÊNCIAS

BANNISTER, Mathew. *White boys, white noise: masculinities and 1980s indie guitar rock*. Hampshire, Ashgate, 2006.

FABBRI, F. *A theory of musical genres: two applications*. *Tagg Homepage*. 1980. Disponível em: <http://www.tagg.org/others/ffabbri81a.html>. Acesso em: 5 jul. 2017.

FRITH, Simon. *La industria de La musica popular*. In *La Otra História de Rock*. Organizado: por Frith, Simon; Straw Will e Street, John. Barcelona. Ma Non Troppo. 2006.

JANOTTI JUNIOR, Jeder S. **A Procura da Batida Perfeita: a importância do gênero musical para a análise da música popular massiva**. *Eco-Pós (UFRJ)*, Rio de Janeiro: v.6n. 2. p. 31-46, 2003.

JANOTTI JUNIOR, Jeder S. **A Procura da Batida Perfeita: a importância do gênero musical para a análise da música popular massiva**. *Eco-Pós (UFRJ)*, Rio de Janeiro: v.6n. 2. p. 31-46, 2003.

_____ (Org.); LIMA, R (Org.); PIRES, Victor de Almeida Nobre (Org.) **Dez anos a mil: mídia e música popular massiva em tempos de Internet**. 1. ed. Porto Alegre: Simplíssimo, 2011. v. 1. 153p.

LATOURETTE, B. **Reagregando o Social**. Bauru, SP: EDUSC/ Salvador:EDUFBA, 2012

NEGUS, Keith. *Music Genres and Corporate Culture*. London: Routledge, 2002

STRAW, Will. *Systems of Articulation, Logics of change: Scenes and Communication in Popular Music*. *Cultural Studies*. Vol5, n.3 (Oct. 1991).

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e literatura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.